

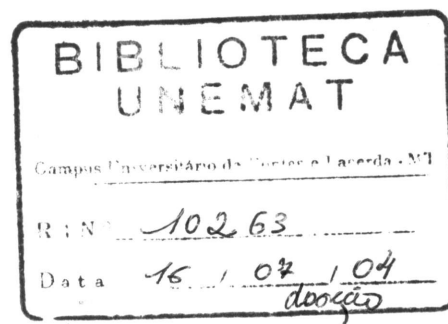
ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ANA PAULA DO NASCIMENTO

*“A MAÇÃ NO ESCURO”: A DESARTICULAÇÃO DE UM HOMEM À
PROCURA DA CLARIDADE*

PONTES E LACERDA

2004



Turma 2003/2

Ex. 01

Ana Paula do Nascimento

“A Maçã no Escuro”: A desarticulação de um homem à procura da claridade

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profª. Ms. Madalena Aparecida Machado

Pontes e Lacerda

2004

Este Ensaio Monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca
examinadora

Local e data da aprovação

Dedico este trabalho ao meu marido, que ao longo destes quatro anos, deu-me apoio em meus estudos, aos meus dois filhos, Victor e Leonardo e aos meus pais, Francisco e Lourdes que a cada conquista minha se enche de orgulho pela minha pessoa.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, por ter-me proporcionado estes quatro anos, que é um momento único, que marca o começo de uma nova visão de vida.

Aos meus colegas, que se tornaram valiosos em minha vida, em especial as minhas confidentes e amigas, Andréia, Lúcia, Luciene e Silvana.

Aos meus professores, que me proporcionaram novos saberes e me conscientizaram que nunca saberei o suficiente. Um agradecimento especial a minha orientadora a Prof.^a Ms. Madalena Aparecida Machado, que contribuiu para este trabalho.

“Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador.

Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.”

Clarice Lispector

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO-----	07
1 - MARTIM: DA ESCURIDÃO À CLARIDADE-----	08
2 - NARRADOR: INDIVÍDUO E COLETIVIDADE-----	14
3 - BIBLIOGRAFIA-----	19

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho irei apresentar a trajetória do personagem Martim, da obra “A Maçã no Escuro”, um homem atado ao código vigente do mundo, e a partir de um fato, ingressa no mundo precário das buscas, na tentativa de encontrar a si mesmo quando perde a linguagem dos homens.

Clarice Lispector focaliza este drama da linguagem com uma narrativa que conduz o destino e as questões levantadas, em um universo que narradora e narradores personagens se misturam, na tentativa de organizar e desvendar o que existe no escuro, e assim alcançar a luminosidade.

Narradores estes que remetem o leitor a empreender a tarefa de uma nova procura, na construção da condição de “ser” humano e usando como instrumento nesta procura, a linguagem, pois esta não é acabada.

1- MARTIM: DA ESCURIDÃO À CLARIDADE

O livro “A Maçã no Escuro” que Clarice Lispector começou a escrever no ano de 1951, foi publicado pela editora Francisco Alves em 1961, recebendo o prêmio Carmen Dolores Barbosa, em São Paulo no ano de 1962. Um romance que foi formatando aos poucos, progressivamente ao longo de três anos, pois a autora ia corrigindo e reescrevendo o livro, como ela própria dizia do prazer de escrevê-lo, segundo Nádya Gotlib “(...) eu me lembro muito do ... do prazer que eu tinha em escrever “A maçã no escuro”. Todas as manhãs”. (1995. p. 336).

A obra não fugiu de seu estilo característico, que é sondar os mecanismos psicológicos humanos, procurando atingir mais profundamente a mente dos personagens. Uma escritora sentidora, na procura obsessiva do entender-se. E Clarice buscava isto em seus livros, através da linguagem.

Nesta obra, o protagonista do romance pela primeira vez é um personagem masculino, a autora narra a história de Martim. Um homem sem linguagem, com o qual Clarice explora com maestria a distância que separa os homens da palavra, pois é através da linguagem que nos diferenciamos dos animais, abordamos e damos sentidos aos problemas da nossa existência, mas entre o homem e a palavra, há um abismo que devemos transpor, para que a linguagem tome sentido e alcance o íntimo do ser que existe no homem.

Clarice Lispector é uma escritora do século XX, que em sua originalidade em escrever, usa de uma fórmula que inicia o leitor a buscar a resposta na aprendizagem, que é aventurar-se no mundo da escrita. Pois ela escreve vivendo e revelando, convidando o leitor solitário à experiência mística de compreender através da sua consciência.

Este foi um dos aspectos que me levou a almejar e aprofundar no mundo “Clariceano”, para tanto escolhi “A Maçã no Escuro”, pois nela têm-se a impressão que a autora está escrevendo diante de nós, e em seu desamparo com o ato de escrever, vai se revelando em nudez total na busca da liberdade de “ser” verdadeira.

Como já foi citado, o romance é sobre Martim, um homem que pensando ter matado a sua mulher, foge para não ser preso e punido. Ao acordar no meio da escuridão, rompendo com seu passado, fica sem a linguagem dos outros e sem a sua. Mudo, oco, começa o processo de construir o seu ser.

Através de sua interação com a natureza, tenta se organizar criando uma linguagem e falando com as pedras e os pássaros, chegando a várias conclusões ao transpor diversas etapas no encadeamento de seu raciocínio, ao se voltar em reflexão para o mundo. Então decide deixar de lado as tentações das palavras. “Só depois pareceu entender o que dissera, e então olhar face a face o sol. ‘Perdi a linguagem dos outros’, repetiu então bem devagar como se as palavras fossem mais obscuras do que eram”,... (Lispector, 1995, p.28)

Martim continua sua viagem, até chegar em uma fazendinha, depois de transpor uma montanha, aonde ele arruma trabalho. Nesta fazenda, o tempo parecia correr bem devagar, e os dias eram iguais, em que todos sabiam previamente o que teria que fazer, como uma rotina a se cumprir, com pessoas distantes umas das outras, o que proporcionou a Martim experimentar-se ao se sentir sob diversas formas. Primeiro como plantas que se decompõe, como ratos pequenos, que vive no meio da sujeira, até que ao olhar o vazio e o seu próprio corpo, enxerga-se como um animal, uma vaca em um curral.

Ele novamente sente a necessidade de comunicar-se, de escrever. Mas este processo irá levá-lo a defrontar com o fracasso, pois ao escrever iria criar e transformar a vida, consequentemente o mundo, então ele desiste de escrever, pois não está preparado para confrontar-se com os fantasmas de seu passado, a encarar o mundo e a sua antiga existência, o que aconteceria ao começar a escrever.

Nesta fazenda em que a proprietária era Vitória, uma pessoa cuja marca é o autoritarismo, por isto ao perceber que Martim se escondia, passou a designar-lhe serviços sem fundamentos, por que isto poderia levá-lo a desafiar as ordens dela e assim deixar cair a máscara em que se escondia, hábito que passou a ser constante, implicar com Ermelinda e Martim, pois os três tinham algo em comum: se escondiam do mundo. Vivia na fazenda o negro cujo nome é Francisco, ele odiava a patroa, mas sabia que não deveria contestá-la, assim se tornou um observador do que se passava ao redor, respondendo somente quando questionado.

Vivia também uma negra e a sua filha, a qual Martim não compreendia, pois ela viva a sorrir, com uma conformidade com a qual ninguém levanta questionamentos, a mãe educava a filha dando-lhe tapas no rosto para depois abraçá-la.

Por último, há um ano atrás antes de Martim chegar, veio morar na fazenda, Ermelinda, prima de Vitória. As duas primas são os personagens com quem Martim, nos

seus diálogos se coloca em constantes reflexões de questões existenciais, que são enfocadas de diferentes formas. Ermelinda é uma viúva sensível, com estranhos assuntos e perguntas que são irrespondíveis, elaboradas de um mundo estranho que criou em sua mente. “(...) – Como é que o mundo, por exemplo, nunca acaba? e nem nunca começa, por exemplo (...) Isso é horrível! não é?”. (Lispector, 1995, p. 183). Ela irá tornar-se amante de Martim, é a pessoa que mais irá se aproximar dele com suas perguntas estranhas.

“ – Imagine uma pessoa que tenha precisado de um ato de violência, um ato que fizesse com que o rejeitassem porque ele não tinha simplesmente coragem de rejeitar a si mesmo. Uma pessoa covarde, talvez? – ele parou angustiado e sentou-se na cama”. (Lispector, 1995, p.178).

A autora enfatiza na obra o que tem de humano nos personagens, e que os mesmos, ao se anular das coisas do mundo, não conseguem estabelecer fronteiras que limitam todos os vestígios anteriores, que humaniza as pessoas.

Ermelinda consegue esta aproximação, pois também está em um processo de busca. A busca de um companheiro, para isto ela se anula e esconde sentimentos para ver se consegue atingir seus objetivos. Desta forma, observamos duas pessoas em processo de busca, Ermelinda por sua alma gêmea, pois sente a necessidade de um parceiro para viver e Martim na busca de si mesmo, e ambos tendo que se esconder como ser humano.

Vitória, mulher forte, que escolheu também se esconder como ser humano, mas com a vinda de Martim ela se redescobre como mulher ao aprender a usar a palavra para dissimular o que quer,

“... e ocorreu-lhe que na verdade acabara de dizer ao homem que ela era forte a ponto de suportar o amor. Teria ela simplesmente se oferecido a ele? (...) Como falava pouco, já não sabia até que ponto as palavras costumavam revelar o pensamento e seu coração bateu de horror: ”... (Lispector, 1995, p. 245).

É ela quem denuncia Martim, chamando o prefeito, os investigadores e o professor.

Martim então descobre que não matara a mulher e que o filho não sabia de sua tentativa de assassinato. Ele decide que na prisão, poderá escrever, depois de ser julgado

pelos homens, e tentará explicar com palavras, o instável mundo escuro em que as pessoas se perdem de si mesma, não parando para refletir e se sentir como pessoa. Martim é um ser neste mundo a procura de sentir, “A Maça no Escuro”, em um mundo precário, onde os homens vivem na ignorância que impera, e impede de enxergar o saber que está ao acesso de todos, mas é preciso a busca, o querer conhecer, os outros e a si mesmo, chegar até a luz.

“... ele por exemplo poderia na tranquilidade da prisão escrever sua confusa mensagem. A minha própria história (...) – usei tudo o que pude, menos – menos a imaginação! Simplesmente me esqueci! E imaginar era um meio legítimo de se atingir...” (Lispector, 1995, p. 304, 305).

Para Martim, é no meio da escuridão que se encontra o vazio, o que aprimora no homem as sensações, e com elas a pessoa imagina e sente de forma nítida o que deseja em seus devaneios, o homem cria um mundo em que acredita no que está acontecendo. Martim com o assassinato faz um recuo para a escuridão, procurando esquecer o crime que cometera, pois lembrar que matou será, tornar-se consciente de sua presença no mundo, como mais uma pessoa que não se priorizou como ser humano, que deixou o mundo massificá-lo destituído de sua essência.

Clarice neste livro, deixa clara a sua presença com uma voz narrativa desde o início da obra, quando começa a conduzir o destino dos seres em conflito na obra. “Esta história começa numa noite de março tão escura quanto à noite enquanto se dorme. O modo tranqüilo, o tempo decorria, era a lua altíssima passando pelo céu...” (Lispector, 1995, p. 11).

“A Maça no Escuro” foi dividido em três partes e cada uma delas representa um momento do homem, a primeira que vem com o título “Como se faz um homem”, é quando o personagem foge e com isto se torna consciente do mundo primitivo ao seu redor. Na Segunda parte intitulada “Nascimento do herói”, é quando Martim fica no impasse de usar as palavras, pois começa a sentir a necessidade de comunicar-se, de criar algo e existir. Na terceira parte “A Maça no Escuro”, é quando Martim sai do anonimato para ser julgado, depois de fazer uma retrospectiva de como o ser humano se constrói ou fracassa ao longo da vida, ao se integrar com outras pessoas num mundo marcado pelo anonimato de um rosto

que vai se construindo do vazio, sem saber como irá ser o amanhã nesta eterna busca que é viver.

A autora coloca no livro, a presença de narradores de maneira marcante, pois todos eles incorporam e dão voz a um tipo de procura, pois expõe experiências diferentes vividas pelos personagens, de uma forma que existe a constante observação do leitor aos fatos para compreender o intercâmbio dos acontecimentos que estão presentes na obra, como as experiências do passado dos personagens que estão em primeiro plano, para encontrar as respostas do mundo presente, como por exemplo o personagem Ermelinda, no momento em que está pensando e justificando-o tornar-se amante de Martim.

“(...) Ali deitada e pensativa, Ermelinda entendeu o que um dia uma amiga medrosa lhe dissera: ‘quero casar porque é muito triste uma pessoa ser sozinha’. – Ermelinda deu à frase um sentido todo especial de advertência, porque também a amiga era pessoa que tinha medo do escuro”. (Lispector, p. 233,234)

A narradora recorre ao efeito de mostrar as experiências dos seres fictícios, com narradores personagens interpenetrando suas passagens, para levar o leitor a seguir o fluxo de pensamento destes, pois os narradores presentes na obra concentram-se no espaço mental daqueles seres. “(...) Então, com a mesma atitude de severa boa vontade com que tentara criar seu plano de ação para o futuro, voltou-se para a memória. “Oh lembre-se de que existem árvores e existem crianças...” (Lispector, 1995, p.171).

Com esta manobra, a narradora consegue uma relação com o leitor, que lhe dá o campo para conduzir as reflexões por meio de diferentes narradores presentes, e através destes penetrar fundo na questão que está sendo indagada pela autora na obra, que é o homem construindo-se por meio de um processo de busca interior, como acontece quando Martim fala para um auditório de pedras, depois de uma noite de escuridão em que os sentidos foram aguçados, então ele fala com as pedras, fala para o mundo. Isso leva-nos a compreensão da aproximação do leitor à narrativa como modo utilizado pelo narrador, para fazer sentir mais de perto, as experiências dos personagens. Assim conduz o fluxo da história com a aproximação do leitor. “... o encurtamento da distância é mandamento da

própria forma, um dos meios mais eficazes para furar o contexto no primeiro plano e expressar o que lhe é subjacente, a negatividade do positivo..." (Adorno, 1983, p.272).

É desta maneira, que a autora traz aquilo que é a essência do que há no interior de cada personagem, por isso o segundo plano tem o aspecto de ser mais revelador, pois ele preenche os extremos da história, e assim tira dos narradores o que está submerso, não deixando desta forma que o leitor seja somente um observador, mas criando uma relação com os personagens.

2- NARRADOR: INDIVÍDUO E COLETIVIDADE

Martim, um personagem que Clarice Lispector pela primeira vez usa para abordar o processo de autoconhecimento, está em conflito com um emaranhado de acontecimentos que vão surgindo no curso dos dias. Um personagem construído para penetrar no que há de mais íntimo de seu ser. Isto exposto numa narrativa, cuja realização das coisas do mundo não é o enfoque principal, mas as buscas constantes de um homem que na escuridão encontra o precário mundo das verdades, de um lugar comum em que vivem os homens. E Martim é um personagem que rompe com as amarras alienantes, pois de uma transgressão, sem culpa, parte para uma viagem de busca de identidade, em completude, se perdendo e encontrando-se na trajetória de viver.

Martim é uma construção literária que incorpora a gênese humana dos seres, ao se elaborar depois de transgredir leis impostas, ele procura se encontrar no mundo, para assumir o uso da palavra, explorando o que antes passava despercebido, o mundo da linguagem e do silêncio, das emoções e sentimentos para dissolver a rigidez desse mundo. Um homem com voz narrativa que, com Lispector dá a condução do destino, em que masculino e feminino se movem com uma cumplicidade textual que vai além da posição do ser quanto ao sexo que possui.

Um narrador que vai deixando vestígios do mais íntimo de sua vida, sustentando do começo ao fim do livro o fluxo de pensamentos, interferindo diretamente nos acontecimentos e no íntimo dos outros personagens, um narrador que vai experimentando a vida, passando ao leitor o que vai subtraindo das experiências alheias, como um observador de ações que emociona, pois a sua meta é transformar a substância do íntimo do ser que é.

Martim é um narrador pós-moderno, que desvaloriza a ação que ocorre na história. E exige do leitor a remoção da venda dos olhos para que possa vê-lo e ver a si também, fazendo assim, que o leitor deslize silencioso para um mundo reflexivo. Um olhar pós-moderno que exige voltar-se para a luz com humildade, para construir com um certo equilíbrio o curso de viver.

O leitor de Lispector, encontra um narrador pós-moderno, que tenta se subtrair nas ações para o leitor se sentir íntimo, e olhar a história do lugar do narrador, e assim partilhar

o significado da experiência de sua vivência com o mundo que cria. “(...) o narrador pós-moderno é o que transmite uma “sabedoria” que é decorrência, da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência”. (Santiago, p. 46).

É este narrador pós-moderno que cria o espaço de observação que leva o leitor a se emocionar e empolgar com a importância dos atos revelados sempre prontos a recomeçar pelo olhar silencioso que dá razão e finalidade à vida.

Martim ao chegar na fazenda, se colocou como um observador do lugar e de seus moradores, mas o tempo encarregou-se de aproximá-lo dos outros personagens, levando as duas primas a se apaixonarem por ele, mesmo sem ele fazer nenhum esforço para isto, algo espontâneo, como o passar dos dias. Com Ermelinda ele adquire laços que vão se estreitando e se torna afetivo, pois ele tinha a concepção a respeito dela, que não precisava se esforçar muito para se esconder. O que a levou a conhecer Martim, Ermelinda por sua vez escondeu este fato para não perde-lo.

Com Vitória, ele tem dificuldade de se esconder, pois ela é dotada de uma aguçada perspicácia, que consegue sentir quando ele simula, mas não o faz tirar a máscara, pois ele consegue perturbar o seu isolamento, levando-a a amá-lo, o que é uma tortura, uma emoção forte que deve renunciar.

Observa-se que não tem como fazer parte da vida das pessoas sem deixar ou colher impressões a respeito delas, que Martim, ao tentar se construir, terá êxito ao se definir perante as outras pessoas, mesmo que não se torne íntimo delas.

Este isolamento e depois a aproximação, são significativos no livro, pois Martim deu um salto em direção a mudança em sua vida com o crime. Para a sua progressão teria que desvencilhar dos antigos hábitos, por isso o isolamento, pois era momento de formar outra realidade, que de si mesmo pouco poderia contar como base em sua integração com o silêncio para formar uma nova palavra.

De acordo com suas experiências, ele vai se construindo e com isto vai se interagindo com os outros, pois isto, torna-se necessário no projeto do novo ser humano, em sua redescoberta do mundo e para sua redenção como homem. Colocando-se como uma espectadora desta história de romance, mas com voz narrativa de quem é conhecedora dos fatos que se passa, ao transmitir as informações a respeito dos personagens, a autora

fragmenta as experiências vividas para ir ao âmago de cada um dos personagens e retirar todos os sentimentos e sensações vividas, como acontece com Martim, Ermelinda e Vitória.

Com esta forma de narrar o romance, o leitor é chamado para acompanhar a narrativa, na procura da resposta junto com a autora, para uma condição de mundo. Não de forma contemplativa, mas, registrando as impressões apresentadas no livro, de pessoas sendo um “ser” e instigando o leitor a pensar a vida de todas as formas apresentadas. A solidão, a contemplação observadas nos personagens de Clarice Lispector, trata do homem, desde o surgimento desta forma narrativa, quando “A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los”. (Benjamim, 1994, p.201).

O que é bem claro no personagem Martim, que esqueceu as palavras, está junto aos outros, mas não se faz importante para suas decisões, pois cada um dos personagens faz o seu autoconhecimento e depois, toma suas atitudes.

Como nós leitores de Clarice, já acostumamos encontrar em suas obras, e é o que distingue suas narrativas muitas vezes, é o fato de recorrer às reminiscências, observamos que esta obra foi construída em cima deste fato. A autora utiliza as lembranças para abordar as experiências e incorporar momentos que leva o leitor a sentir a angústia, que é fazer um recuo na vida, é como está vivendo os personagens da história. Estas lembranças servem para que os narradores assimilem a importância das experiências vividas, reminiscências que servem para que os personagens narradores ao longo do livro, absorvam a importância das experiências vividas e passando uma visão íntima dos acontecimentos.

Através das reminiscências, os personagens mergulham neste mistério que é viver, que a autora dá voz e pensamentos aos vários narradores por ela criados, e todos eles fazendo uso de lembranças, a autora consegue abordar a sabedoria do passado que é ser, existir e as experiências de cada um dos personagens tecendo o enredo do livro, com uma sutileza psicológica, para se aproximar do leitor em suas próprias experiências. “A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração (...) Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si...” (Benjamim, p. 211).

A narrativa desta forma aproxima-se do leitor atual, que vai criando sabedoria através da experiência, ao começar a pensar e encarar os seus atos, de construir sem usar as

palavras para não se perder e ser induzido por elas, é por isso que Clarice não aborda uma sabedoria, mas várias formas de saberes, observados de diferentes ângulos, nos quais o leitor muitas vezes se enxerga ao redimensionar-se na narrativa, as possibilidades existenciais.

Clarice consegue este feito, usando o estilo indireto livre, pois na estrutura de seu livro, comporta sem destoar a marca do autor no discurso como narrador que conta indiretamente a história e ao mesmo tempo, seus personagens narradores têm fala e pensamentos próprios em um discurso direto ao leitor, e este é um dos detalhes que encantam na obra de Clarice, pois através da técnica que ela adotou, é possível sentir a presença dela, como pessoa escrevendo, criando vida. “segundo Todorov e Ducrot, no seu Dicionário..., o indireto livre, comporta as marcas de tempo e pessoa no discurso indireto (do autor), mas tem sua estrutura semântica e sintática penetrada das propriedades do discurso direto (da personagem).” (Chiappini, 1987, p.88).

“A Maça no Escuro” é uma obra que se enquadra na categoria de Onisciência Seletiva Múltipla, ou multisseletiva, pois usa vários narradores para passar as impressões dos fatos e das pessoas na obra, vêm através da mente dos personagens diretamente na história, de forma detalhada, em uma tentativa de imitar o tempo que dura à história. “ (...) o autor traduz os pensamentos, percepções e sentimentos filtrados pela mente dos personagens detalhadamente (...)” (Chiappini, 1987, p.47).

Como observamos no episódio do curral, a autora mostra a dimensão do lugar, colocando aconchego, vidas pulsando na cacofonia daquele lugar, e a autora filtra da mente de Martim ele se encontrando pelas percepções dali tiradas.

A narradora Lispector utilizando as impressões de sentir, de se anular quando necessário, verbaliza sugestões e pistas da busca interior que está nos diferentes narradores da obra, para dar ênfase da importância das palavras para transmitir e esconder o que queremos mostrar de nós para os outros.

E Martim é um ser que se aliena no mundo, perdendo ao longo da vida a sua identidade. Nesta narrativa, ele tematizou a sua criação, a sua angústia de tornar-se vazio, e como é difícil encontrar a grandeza, quando se torna consciente de sua pequenez.

Para o personagem, a construção da linguagem em silêncio, possibilita explorar zonas de abertura para encontrar sentido da vida. Ao empreender-se na tarefa de redenção com a

condição inalienável de ser, em um mundo ambíguo, em que no escuro encontra a luminosidade, e o faz por meio das palavras.

Para Martim, ter vida é criar a possibilidade de atingir a vida se fazendo, e a reivindicação de ficar sem máscara, é desvencilhar-se dos outros, para cada manhã quando a luminosidade bater nos olhos, poder imaginar e criar com tudo o que sentiu ao longo da noite, na escuridão, e assim poder se ver e aprender todos os dias a “ser” de verdade.

Portanto, Clarice Lispector neste livro, nos possibilita com a trajetória de Martim, ver que em um momento de sua vida, ele criou coragem para se enxergar, mesmo que para isto, tenha que se anular dos que estão presentes em sua vida até então.

Para isto precisou esquecer as palavras para se encontrar, e depois retomou o seu uso para mostrar as possibilidades do ser humano ao se sentir existindo. Ao sentir que criou estas possibilidades, então Martim percebe a necessidade de imaginar e sonhar.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, *Textos Escolhidos*, 2ª ed. São Paulo. Abril Cultural, 1983.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo. Brasiliense, 1994.

GOTLIB, Nádia Battella, *Clarice, Uma vida que se conta*. Editora Ática S.A – São Paulo, 1995.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativa*, 3ª ed. São Paulo, Ática S.A. 1987.

LISPECTOR, Clarice. *A Maçã no Escuro*, 9ª. ed. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1995.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas das letras*. -----
